

VI Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XXI Jornadas de Investigación Décimo Encuentro de Investigadores en
Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos
Aires, Buenos Aires, 2014.

Discursos não hegemônicos inscritos nos muros da cidade: grafites e produção de subjetividade em Natal-RN, Brasil.

Albuquerque Figueiro, Rafael y Da Silva
Figueiró, Martha Emanuela.

Cita:

Albuquerque Figueiro, Rafael y Da Silva Figueiró, Martha Emanuela (2014). *Discursos não hegemônicos inscritos nos muros da cidade: grafites e produção de subjetividade em Natal-RN, Brasil*. VI Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXI Jornadas de Investigación Décimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-035/3>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/ecXM/qvU>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

DISCURSOS NÃO HEGEMÔNICOS INSCRITOS NOS MUROS DA CIDADE: GRAFITES E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM NATAL-RN, BRASIL

Albuquerque Figueiro, Rafael; Da Silva Figueiró, Martha Emanuela
Universidade Potiguar. Brasil

RESUMEN

A comunicação e o consumo são elementos que marcam o modo contemporâneo de estruturação das cidades. A comunicação que atravessa a cidade contemporânea, não é somente aquela oficial, formalizada em meios tradicionais de comunicação. Outros espaços e formas comunicacionais vem explodindo pela cidade, tornando-a cada vez mais complexa. Os grafites, as pichações, os “stencil” passam a ocupar os espaços da cidade transmitindo mensagens, ideias, ou simplesmente exibido assinaturas e marcas de determinados grupos. Nesse sentido surgem algumas questões: que comunicação é essa que vem sendo feita, inscrita nos muros da cidade? O que querem dizer aqueles que se utilizam desses recursos comunicacionais? Que processos de subjetivação estão em jogo nesse cenário? Este trabalho tem por objetivo cartografar os grafites realizados na cidade do Natal, Rio Grande do Norte (Brasil), mapeando seus efeitos e modos de subjetivação. Através do método da cartografia e utilizando a fotografia como recurso metodológico, foi possível observar que os grafites compõem discursos não hegemônicos, produzindo linhas de subjetivação capazes de disparar processos de singularização e re-semiotização dos modos de vida na cidade.

Palavras chave

Cidade, Comunicação, Grafites, Subjetivação

ABSTRACT

SPEECHES NO HEGEMONIC ENROLLED IN THE CITY WALLS: GRAFFITI AND PRODUCTION SUBJECTIVITY

The communication and consumption are elements that mark the contemporary way of structuring cities. The communication that crosses the contemporary city, is not only that official, formalized in traditional media. Other spaces and forms of communication comes bursting through the city, making it increasingly more complex. The graffiti, the “stencil” come to occupy the spaces of the city conveying messages, ideas, or simply displayed signatures and marks of certain groups. In this sense some questions arise: what is this communication that has been taken, entered the city walls? What do you mean those who use these communication resources? Subjective processes that happen nesse space? This work aims at mapping the graffiti made in the city of Natal, Rio Grande do Norte (Brazil), mapping its effects and modes of subjectivity. Through the cartography method and using photography as a methodological tool, it was observed that graffiti does not constitute hegemonic discourses, producing lines of subjectivity capable of firing processes of individuation and re-semiotic ways of life in the city.

Key words

City, Communication, Graffiti, Subjectivity

Introdução

Ao andarmos pela cidade contemporânea, nos deparamos com inscrições diversas: signos, mensagens, outdoors, placas de trânsito, a mídia, etc. Se no século XVIII a indústria foi a grande matriz para se pensar a cidade, a contemporaneidade é marcada pela comunicação, enquanto linha que delimita, dá contorno às configurações da cidade. Passamos da cidade industrial, para a cidade comunicacional, marcada principalmente pelo consumo e pela comunicação (Canevacci, 2001),

A comunicação que atravessa a cidade contemporânea, não é somente aquela oficial, formalizada em meios tradicionais de comunicação. Outros espaços e formas comunicacionais vem explodindo pela cidade, tornando-a cada vez mais complexa e caótica, com toda potência que essa palavra pode ter. Muros, viadutos, terminais de ônibus, prédios público e privados, todos esses espaços se tornam veículos de uma comunicação não oficial, não hegemônica. Os grafites, as pichações, os “stencil” passam a ocupar os espaços da cidade transmitindo mensagens, ideias, ou simplesmente exibido assinaturas e marcas de determinados grupos.

Nesse sentido surgem algumas questões: que comunicação é essa que vem sendo feita, inscrita nos muros da cidade? O que querem dizer aqueles que se utilizam desses recursos comunicacionais? Que idéias, sentimentos, discursos circulam pelos muros e becos da cidade contemporânea? Que tipo de produção de subjetividade se dá nesse processo?

Esse artigo parte desses questionamentos para investigar as inscrições de grafite produzidas na cidade do Natal, Rio Grande do Norte (RN), cartografando seus efeitos em termos de veiculação de idéias e produção de subjetividades.

Alguns esclarecimentos: Grafite, pichação e stencil

O grafite pode ser considerado o mais antigo registro gráfico do ser humano (Cruz & Costa, 2008). A expressão do homem através de inscrições gráficas data da pré-história, passando pelo maio de 68, as intervenções em Nova York na década de 1970 1980, até o grafite artístico desenvolvido atualmente (Costa, 2007). De acordo com Cruz e Costa (2008), o registro oficial do grafite em nossos tempos pode ser datado a partir do maio de 1968, período de conflitos políticos e efervescência cultural em todo mundo.

O grafite também tem seu registro histórico nos murais da antiguidade (nos túmulos dos faros egípcios), com caráter decorativo (Cruz & Costa, 2008). Os primeiros cristãos também deixaram seus registros em forma de grafite, com os símbolos da Igreja nas catacumbas romanas (idem).

A pichação também tem seu registro histórico em cidades antigas. Cruz e Costa (2008) citam o exemplo da cidade de Pompéia (localizada no antigo império Romano), que possuía registros diversos: xingamentos, anúncios, poesias, etc. Ainda segundo as autoras, na Idade Média, a Santa Inquisição perseguia e torturava as bruxas,

coabrindo-as de piche. Paredes de conventos eram pichadas por religiosos de ordens distintas e conflitantes (Cruz & Costa, 2008). O termo Graffiti (plural do termo italiano Grafitti) vem sendo utilizado para denominar uma gama de intervenções feitas na contemporaneidade, na qual os muros da cidade de transformam em espaço de expressão, seja de uma idéia, de assinaturas de gangs, etc. Assim, utiliza-se o termo Grafitti por ser abrangente, e designar “todo e qualquer tipo de inscrição e rabisco feito com qualquer material sobre qualquer suporte: muro, parede, teto etc., incluindo também os grafites artísticos urbanos” (Costa, 2007, p. 178). No Brasil, as principais técnicas empregadas para o grafite são: a mão livre, e o molde vazado (feito principalmente de stencil ou placa radiográfica) (Silva-e-Silva, 2011). O grafite a mão livre (utilizando o *spray*) acabou sendo denominado de pichação (com “x” ou “ch”), e a utilização de moldes ficou mais conhecida simplesmente como “stencil”, possuindo a característica de rápida reprodução e divulgação de uma idéia ou imagem. Já o que conhecemos como grafite, aqui no Brasil, acaba sendo a forma do grafite mais próxima da arte, com formas arredondadas e coloridas. O grafite artístico, como é conhecido, origina-se do *graffiti* americano do início dos anos 1980 ocupando assim um lugar privilegiado no campo da arte, sobretudo depois que o sistema de arte passou a considerar o grafite como arte (Costa, 2007). Neste trabalho, porém, trabalharemos com o conceito de grafite em seu sentido mais amplo, entendido portanto, enquanto todo o tipo de inscrição que se dá nos espaços públicos da cidade.

Considerações teórico-metodológicas

Este trabalho se ancora nos pressupostos teórico-metodológicos da cartografia. Como o próprio nome indica, esta perspectiva busca dar conta de um espaço pensando as relações possíveis entre territórios, capturando intensidades e atentando para o jogo de transformações desse espaço. A cartografia está interessada em experimentar movimentos/territórios, novos modos de existência, sempre a favor da vida, dos movimentos que venham a romper com o instituído (Kirst, 2003). Para tanto, é preciso estar atento aos discursos, gestos, funcionamento, o regime discursivo operante (Mairesse, 2003).

A cartografia propõe uma revalorização da dimensão subjetiva em pesquisa e, nesse sentido, colocamo-nos em campo não coletando dados, mas produzindo-os (Passos, Kastrup & Escóssia, 2009). Nesse sentido, nossa inserção em campo faz uso da fotografia enquanto ferramenta metodológica, apreendendo imagens de inscrições de grafites, dispostos ao longo da cidade do Natal-RN. Não se trata de simplesmente capturar imagens. Como bem coloca a cartografia nossa proposta enquanto pesquisadores é estar atento ao modo como esses grafites nos afetam, capturando intensidades no próprio cotidiano da cidade. Dessa forma, os grafites não foram escolhidos aleatoriamente, mas a partir de uma afetação, de uma reverberação dessas imagens no corpo do pesquisador-fotógrafo. Interessou-nos, portanto, imagens, frases, grafites que de alguma forma nos inquietaram, produzindo transformações subjetivas, ou, como denomina Suely Rolnik, produzindo desassossego (Rolnik, 1993). O corpo do pesquisador foi (e é), portanto, nosso principal instrumento de pesquisa. As fotografias foram realizadas de junho a outubro de 2013.

Natal: Grafites e afetos

Ao transitar por Natal, temos a sensação de que há poucas intervenções urbanas (incluindo o grafite) se compararmos a outras capitais brasileiras. Sem querer resolver a questão (que foge ao ob-

jetivo desse estudo), focamos naqueles grafites que nos interpelam pela cidade, produzindo linhas de subjetivação diferenciadas, desassossegando os cidadãos. Nossa experiência, portanto, enquanto moradores da cidade de Natal foi pano de fundo para a escolha dos grafites a serem fotografados/registrados. Escolhemos exatamente aqueles grafites que, de algum modo, nos inquietavam, produziam em nós alguma afetação.

A primeira figura de nossa análise, um stencil, localiza-se nas proximidades da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil), local de grande movimentação de estudantes e profissionais que se deslocam de casa para o trabalho. Aproveitando a sinalização de “Pare”, da placa de trânsito, os executores do grafite completaram “*Pare de comer animais*”.

A intervenção retrata um movimento já bastante forte na cidade. O movimento do “Veganismo”, como é mais conhecido, defende o fim da exploração dos animais para alimentação humana, sobretudo pelo fato de que, nas condições do mercado capitalista, o comércio de alimentos derivados de animais faz com que esses sejam tratados de forma precária, sendo submetidos, muitas vezes, a intenso sofrimento.

Obviamente que muitos dos transeuntes que cruzam com essa intervenção nada sentem, nada pensam sobre a questão apresentada. Porém, uma outra parcela daqueles que se deparam com tal exclamação, assim como os autores desse artigo, sentem-se questionados... Por alguns segundos, poucos talvez, pensam sobre o fato de comermos outros animais. Direitos dos Animais? Dominação interespecies? Vida mais saudável? Quantas questões cabem em um grafite desse tipo?

Caminhando em direção a nossa segunda imagem, temos um diálogo com outras questões. Dessa vez, o grafite fotografado trás uma crítica a sociedade capitalista, com ênfase ao papel que a educação tem ocupado nesse cenário: “*Cidadania não é consumo. Educação não é um diploma.*” A frase adquire um forte caráter de intervenção ao refletirmos sobre o local que os autores escolherem para grafitá-la: No terminal do ônibus circular-campus, veículo responsável por levar todos os estudantes que necessitam ir a UFRN. Calcula-se que, semanalmente, cerca de 25 mil estudantes fazem uso desse tipo de transporte. São 25mil pessoas sendo interrogadas, questionadas sobre o real sentido de irem todos os dias à universidade, nos atuais moldes da educação.

Famoso por andar sempre superlotado, o circular campus proporciona, além desta intervenção, o contato com outras, não menos chamativas. Logo ao lado da imagem anterior, o estudante que passa (a pé, ou em algum circular superlotado) não consegue se esquivar da frase grafitada com stencil: “*Todo ônibus tem herança de navio negreiro*”.

As cenas aqui apresentadas sinalizam para uma importante característica da contemporaneidade. Todos sabemos que a mídia tem se configurado enquanto um importante regulador das relações sociais, mediando, ou até mesmo ditando o modo como devemos nos relacionar com os diversos fenômenos sociais que nos atravessam: a violência, a pobreza, a loucura, etc., dificultando, assim, o desenvolvimento de um processo de transformação social mais amplo (Coimbra, 2001).

Porém, na cidade contemporânea, espaços midiáticos informais, não hegemônicos, surgem, permitindo algumas rupturas. Como bem afirmou Foucault, onde há poder, há resistência (Foucault, 1979). Resistências essas que vão surgindo pela cidade, configurando-a enquanto um espaço comunicacional informal, capaz de veicular discursos e ideias que jamais ocupariam as telas de TV. Para autores como Canevacci (2001), a cidade é exatamente esse espaço capaz de agregar

diferentes culturas, diferentes idéias e maneiras de sentir o mundo. Segundo ele, “É tempo de defender os fragmentos, as parcialidades, as diferenças [...]” (Canevacci, 2005, p.18).

Se a cidade agora pode ser definida pelo seu caráter comunicacional (Canevacci, 2001), o caos parece ser uma das conseqüências possíveis:

A perspectiva é outra: procurar nos desenvolvimentos narrativos, nas percepções visuais, nos panoramas sonoros, nos códigos textuais da nova mídia (ou pós mídia) tensões dialógicas, estridentes híbridos e desordens polifônicas com a comunicação nas metrópoles: que despedaça e fluidifica, combate e decompõe, compulsiona e desmoldura (Canevacci, 2001, p.173).

Dentro dessas desordens polifônicas, o grafite surge enquanto elemento subversivo, algo capaz de produzir essa “tensão dialógica”, conforme sinalizou Canevacci (idem). Os grafites inscritos pela cidade sinalizam para a diversidade de vozes que compõem a cidade contemporânea.

Vozes, discursos que não circulam na grande mídia, mas que transitam ali, nas fissuras, nos espaços intersticiais, produzindo linhas de fuga (Deleuze, 2004). Para este autor, uma linha de fuga é algo simples, de caráter abstrato, sinuosa. Esta linha carrega consigo a possibilidade da centralidade das ações em torno de um *modus operandi* mais potente e afirmativo, algo que possa escapar ao poder que oprime o indivíduo. Apesar do nome, uma linha de fuga em nada tem a ver com a ideia de fugir, sair do mundo. É fazer fugir “não obrigatoriamente os outros, mas fazer fugir algo, fazer fugir um sistema como se arrebatando um tubo. Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia.” (Deleuze, 2004, p.47). Nesse sentido, os grafites traçam linhas de fuga pela cidade, permitindo a invenção de um canal midiático alternativo, capaz de veicular idéias de forma autônoma, produzindo novos espaços comunicacionais.

As frases trazidas neste trabalho referem-se às manifestações ocorridas em Natal, durante todo o ano de 2012. Dentre estas manifestações, ganha destaque o episódio envolvendo a proposta de aumento das passagens de ônibus. Dentre as diversas frases pichadas “2,40 é meu pau” marca, pelo seu caráter forte e agressivo. O movimento conhecido como “revolta do busão”, foi caracterizado por passeatas pela cidade, ônibus destruídos e confrontos com a polícia. Milhares de estudantes foram às ruas, e o aumento foi derubado.

Ao trazer essas frases neste artigo, nossa proposta não é somente mostrar a presença dos grafites nos muros da cidade. Acreditamos também, na possibilidade de que esse conjunto de sinais/signos, idéias, componha toda uma semiótica, capaz de produzir subjetividades.

Nesse sentido, entendemos subjetividade como nosso modo de habitar o mundo, de se relacionar como os outros, de nos organizar, de amar, de desejar, e que está sempre em processo de produção (Guattari & Rolnik, 1986). Segundo os autores supracitados, o processo de produção de subjetividade se dá via dispositivos diversos (idem). A família, a ciência, a mídia (e porque não os grafites?), além de outros elementos, participam do processo de produção de subjetividade. Há, portanto, uma “polifonia das formações subjetivas” (Guattari, 1992, p. 155). Dentro dessa polifonia, certamente há que se considerar a cidade e as intervenções que nela ocorrem enquanto elementos produtores de subjetividade.

Atentos a dinâmica perversa da sociedade capitalista, Guattari e Rolnik (1986) afirmam que, em geral, o que temos é um processo de subjetivação capitalístico, ou seja, a produção de idéias, valores, sentimentos que tendem a sustentar o modo de vida capitalista.

Nesse sentido, é possível encontrar uma sociedade cada vez mais uniformizada, padronizada em seus modos de vida.

Apesar desse cenário desanimador, os autores apontam possíveis linhas de fuga. Na tentativa de fugir desse achatamento da subjetividade, Guattari e Rolnik (1986) defendem a existência de processos de singularização, movimento capaz de deflagrar novas formas de existência, novos valores, idéias, sentimentos, enfim, novos modos de vida, capazes de questionar os modos hegemônicos de existência, produzindo rupturas. É nesse sentido que acreditamos que as inscrições de grafite pela cidade, podem representar um elemento de transformação. As inscrições, recados, idéias, sinalizam questões e problemas que não são veiculados pela grande mídia. Assim, os muros da cidade viram palco para verdadeiros processos de singularização, capazes de agenciar forças transformadoras, linhas de subjetivação produtoras no novo, de novas formas de pensar e de viver.

Para finalizar, trazemos uma imagem que representa bem essa tensão entre as ideias e discursos veiculados através do grafite, e a mídia tradicional/hegemônica: nos muros construídos para demarcar a construção da “Arena das Dunas” (estádio que recebe jogos da Copa do Mundo da Fifa 2014) está pintado “Agora nós somos a mídia”. A frase em questão sinaliza essa relação tensa entre o grafite, a lei e a mídia oficial. Sempre nos interstícios da cidade, geralmente subversivo e fora da lei, os grafites representam a luta por veículos de comunicação, formas de se expressar e de se comunicar, cada vez mais privatizados na mídia tradicional. A foto apresenta a expressão “Agora nós somos a mídia”, inscrita em um dos muros da cidade. A inscrição ainda pode ser vista, mesmo após ter sido pintada, numa clara tentativa de eliminar a inscrição não autorizada, refletindo o conflituoso cenário da comunicação nas cidades contemporâneas.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo cartografar as linhas de subjetivação produzidas pelos grafites inscritos na cidade do Natal-RN. Como ponto de partida, partimos das inscrições em grafite feitas nos muros da cidade, sobretudo a partir do que esses inscritos produziam em nós. Compreendendo as cidades contemporâneas enquanto metrópoles comunicacionais (Canavacci, 2001), entendemos que o grafite, assim como as demais formas de expressão/comunicação, adquirem extrema importância pela capacidade de tensionar os discursos dominantes, produzindo fissuras, linhas de fuga, capazes de produzir diferentes maneiras de viver e experienciar a realidade.

A experiência de fotografar os grafites apresentados nesse trabalho, nos fez entrar em contato com uma outra Natal. Sobretudo nos fez entrar em contato com a perspectiva de uma cidade enquanto máquina produtora de subjetividade (Guattari, 1992). Subjetividade esta que encontra-se ameaçada de parilisia (idem), encontra na cidade uma possibilidade de re-singularização, de transformação das ideias e valores. Daí a importância da cidade, em sua capacidade de transformação social: “Sem transformação das mentalidades e dos hábitos coletivos haverá apenas medidas ilusórias relativas ao meio material” (Guattari, 1992, p.173).

Entendemos que o grafite cumpre papel importantíssimo nesse processo, ao possibilitar o contato e a comunicação entre diferentes atores sociais, veiculando idéias que não transitam pela mídia hegemônica, produzindo assim, linhas de subjetivação diversas, capazes de disparar processos de singularização dentro do cotidiano das cidades.

BIBLIOGRAFIA

- Canevacci, M. (2001). *Antropologia da comunicação visual*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Coimbra, C. M. B. (2001). Mídia e produção de modos de existência. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 17 (1), p. 1-4.
- Costa, L. . (2007). Grafite e pixação: institucionalização e transgressão na cena contemporânea. *Anais do III encontro de história da arte - ifch / unicamp 2007*.
- Cruz, D. M. & Costa, M. T. (2008). Grafite e pichação - que comunicação é esta? *LINHAS*, Florianópolis, 9, (2), p. 95 - 112.
- Deleuze, G. (2004). *Diálogos*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Guattari, F. (1992). *Caosmose: Um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1986). Subjetividade e História. In.: Guattari, F. & Rolnik, S. (1986). *Micropolítica: Cartografias do desejo* (p.33-148). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kirst, P. G. (2003). Redes do Olhar. In: Kirst, P. G. e Fonseca, T. M. G. (org) (2003). *Cartografias e Devires: A Construção do Presente*. (pp. 43-52). Porto Alegre, EDUFRGS.
- Kirst, P. G., Giacomel, A. E., Ribeiro, C. J. F., Costa, L. A. & Andreoli, G. S. (2003). Conhecimento e cartografia: Tempestade de possíveis. In: Kirst, P. G. e Fonseca, T. M. G. (org) (2003). *Cartografias e Devires: A Construção do Presente*. (pp. 91-102). Porto Alegre: EDUFRGS.
- Mairesse, D. (2003). Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: Kirst, P. G. e Fonseca, T. M. G. (org) (2003). *Cartografias e Devires: A Construção do Presente*. (pp. 259-272). Porto Alegre: EDUFRGS.
- Passos, E., Kastrup, V. e Escóssia, L. (Orgs.) (2009). *Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.
- Rolnik, S. (1993). Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade PUC-SP*, São Paulo, 1 (2), p.241-251.
- Silva-e-Silva, W. (2011). A diversidade do grafite urbano. *Anais do III Encontro Nacional de Estudos da Imagem*, 2011 - Londrina - PR.